

espaço interno onde ele - autor - é antes de tudo um interlocutor, aquele com quem conversa sobre a obra que vai construindo.

O sinal desta capacidade amorosa é a inventividade e a criatividade que lhe é dado ter quando mergulha na disciplina repetitiva de enfrentar o *em si mesmo* - o que não muda e nem se transforma - lugar onde as palavras ecoam como se fossem as mesmas palavras que habitam os mesmos lugares para os ouvidos de sempre.

Este lugar procura arrastar o autor para a esterilidade, para o único lugar que lhe resta - o de ator - não do trágico e do épico, mas o ator da telenovela que repete o mesmo enredo por mais que o padrão globo se sofistique.

O ator do trágico, eu diria, é autor porque ao contar a história épica ele ocupa o lugar do narrador e ao ocupá-lo constrói a história: um ato inédito tem origem, em outras palavras, um ato de linguagem ou uma obra de arte.

O lado funesto do impedimento do processo criativo é justamente quando ocorre a institucionalização da completude, quando esta torna a lei em burocracia e assim desenvolve contra o autor um esmagamento sutil, de lenta violência, quase imperceptível. A condição de liberdade - o vôo livre - está dissimuladamente impedida na exigência de que ele - autor - alcance o objetivo final não explicitado, mas que corresponde ao desejo de morte da instituição sobre o autor. Enfim, quando prevalece o narcisismo.

Mas quando se pode ainda ser autor é porque a instituição pode ser contexto.

E, diria mais, pode ser um lugar de geração de autores que reconhecem no ato criativo a forma de eludir a instituição, quando esta pretende se fixar como lugar de auto-conservação e não de auto-erotismo.

HISTÓRIA DA PSICANÁLISE NA FRANÇA

- A BATALHA DO CEM ANOS

VOLUME I - 1885 - 1939

VOLUME II - 1925 - 1985

AUTORA: ELISABETH ROUDINESCO

EDITORA: JORGE ZAHAR EDITOR

Resenhado por: Solange Silva Barbosa.

Elisabeth Roudinesco, com formação psicanalítica e literária, cuja mãe é psicanalista, escreve a história da implantação e desenvolvimento da psicanálise na França num período de cem anos, de 1885 à 1985, tendo como referência a visita de Freud a Charcot em 1885, e a morte de Lacan em 1981.

No primeiro volume expõe a história da psicanálise entre 1885 à 1939, incluindo a descoberta da histeria, o movimento psicanalítico internacional, a psicanálise sendo introduzida em território francês e a primeira geração de psicanalistas franceses.

Inicia retratando a França do final do século XIX, a pré história da psicanálise e da psicoterapia, desde os primeiros estudos sobre a histeria, a magia, o magnetismo, a noção de influência, de telepatia, hipnose até a descoberta por Freud do inconsciente e da transferência.

Sua obra é extensa e detalhada. Os conceitos teóricos que vão surgindo ao longo da história, são descritos, discutidos e com indicações bibliográficas, constituindo um livro para conhecer alguns conceitos e de referência para ampliar conhecimentos. Seu relato é vivo e interessante na medida em que entremeia a história com a devida caracterização das personalidades apresentadas, o contexto sócio-político-cultural, as teorias literárias e filosóficas ilustrando o pensamento vigente na época. Mantém esse estilo de narrativa ao

longo de toda sua obra permitindo uma visão ampla das idéias desenvolvidas.

Por exemplo, quando descreve a pré-história da psicanálise inclui uma síntese da obra literária de Guy de Maupassant, do final do século XIX, com comentários da crítica da época. A respeito de seu livro "Le Horla" ela diz: "... Le Horla não é coisa na literatura, senão a história da descoberta do inconsciente. Não o inconsciente dos psicólogos ou dos alienistas, nem o subconsciente dos magnetizadores; não um "lugar-tenente" da consciência, mas um "não-conhecido", situado ali e alhures, uma outra cena, negativa, interna ao pensamento".

No capítulo intitulado "Movimento Psicanalítico Internacional" inclui a história da psicanálise já descrita por Ernest Jones, isto é, a partir de Freud em Viena, com seus discípulos, a criação da IPA (International Psycho-analytical Association), que agrupa sociedades de psicanálise internacionalmente. Acrescenta sua visão e expõe as dificuldades encontradas na aceitação da teoria freudiana, do conceito de sexualidade, os ideais da pedagogia e da religião, a visão organicista de doença mental, assim como os riscos de charlatanismo e da versão espiritualista.

A autora se propõe a escrever a história da psicanálise interpretando-a psicanaliticamente. Por exemplo, coloca um subtítulo "Um Mestre sem Mando" para se referir à política de Freud e as modalidades de poder dentro do movimento psicanalítico. Uma de suas interpretações se referindo a Freud e seus discípulos: "Freud sempre esteve convencido de duas coisas contraditórias, que são reencontradas na política do movimento psicanalítico. De um lado, achava que sua condição de judeu o havia ajudado em seu combate, permitindo-lhe reatar com o tema espinosista do não-conformismo às tiranias do saber dominante; do outro, afirmava incessantemente que a psicanálise devia livrar-se de seu judaísmo para se fazer reconhecer pela ciência. Essa atitude ambivalente explica o surgimento de uma "mística judaica" no seio do comitê. A

religiosidade recalcada de Freud, exacerbada pelo rompimento com Jung, retornou numa política que tendeu a transformar o movimento em seita. Com a guerra, os temas da "união sagrada" e da "pátria em perigo" vieram reforçar os ideais de um judaísmo perseguido e voltado para o gueto. Enquanto a Europa se transformava num campo de batalha, a psicanálise brandia seu estandarte glorioso". Mais adiante: "Freud desejava simultaneamente duas coisas contraditórias: permanecer como mestre "descentrado" (semita, judeu, revoltado, etc.) e tornar-se um soberano capaz de conquistar uma nova cultura: grega, estranha ao judaísmo, e talvez "superior". - Uma parte de sua interpretação aqui citada não permite uma visão completa de suas idéias neste capítulo, servindo apenas como ilustração do seu estilo.

Se suas interpretações podem ser questionáveis em algum momento, são também denunciadoras de questões importantes para serem pensadas ou repensadas.

Uma questão importante que discute é a transferência diferenciando a Psicologia da Psicanálise, onde as teorias psicológicas e suas técnicas de cura, dando primazia à consciência sobre o inconsciente impossibilita de situar a transferência em sua dimensão simbólica. Sem a elucidação da transferência permanece a idéia de um ego desembaraçado do id e uma visão ortopédica de tratamento.

Um exemplo de sua narrativa integrativa-integradora do contexto cultural vemos nesta citação sobre as reuniões de quarta-feira na casa de Freud: "Em 1902, os homens da quarta-feira formavam um grupo heterogêneo, composto de médicos, educadores e escritores. Eram ligados por uma insatisfação comum frente à psiquiatria, às ciências humanas e à educação. Representavam uma amostra bastante fiel da intelectualidade européia do início do século. Nessa época, as idéias de Charcot e as da Escola de Nancy estavam se difundindo na opinião pública. Na Alemanha, Kraepelin dotara a psiquiatria de uma nova nosologia, Nietzsche desenvolvera uma moral que levava em conta a loucura, o

sexo e as angústias, e Wundt exercia uma influência preponderante sobre a psicologia. O darwinismo atuava de diversas maneiras no pensamento científico, enquanto os movimentos culturais e literários de vanguarda começavam a cantar louvores ao novo século da eletricidade. Na prática, o socialismo era uma idéia nova que agitava todos os espíritos. Em cada reunião eles comentavam textos, falavam de seus casos ou trocavam hipóteses teóricas, mas discutiam também seus próprios problemas, seus fracassos e suas questões sexuais".

Na descrição da introdução da psicanálise em território francês, intitula um capítulo "Inconsciente à francesa" retratando o contexto cultural francês com a presença da Psicologia de Janet, a filosofia de Bergson, a psiquiatria organicista servindo de filtro para a compreensão da teoria freudiana. A resistência à teoria de Freud observada pela demora das traduções, o livro sobre Chistes por exemplo foi traduzido 25 anos depois de sua primeira publicação, a concepção organicista da sexualidade não diferenciando o plano físico do psíquico, o chauvinismo, os conflitos teóricos, as dificuldades na tradução dos conceitos. Muito interessante para pensar nas incompreensões e resistências à teoria psicanalítica.

O primeiro volume encerra com a aventura da primeira geração de psicanalistas franceses, a fundação da Sociedade Psicanalítica de Paris (1926), com a presença atuante de Marie Bonaparte. O Grupo de Evolution Psychiatrique, de psiquiatria dinâmica se iniciando, do qual Henry é a figura mais proeminente. Assim como introduz o corpo conceitual de Lacan que será desenvolvido no segundo volume.

O segundo volume abrange os anos de 1925 à 1985. Devido à continuidade histórica determinados temas se repetem e se desenvolvem neste volume. A implantação da psicanálise na França é reapresentada enfocando um novo ângulo. Com o capítulo "O surrealismo à serviço da Psicanálise" mostra o freudismo sendo introduzido de forma não

oficial pelos escritores, poetas e artistas paralelamente à introdução via medicina. Nos anos vinte Freud está no auge em Paris, o meio literário tenta captar a modernidade no interior da descoberta freudiana. A psicanálise sendo de interesse para os filósofos para a reflexão sobre a condição do homem e sua liberdade.

A trajetória de Lacan e sua teoria é descrita com riqueza de detalhes, presente do início ao fim do volume, desde sua juventude até sua morte, constituindo-se sua primeira biografia. Desde seus primeiros mestres e suas primeiras teorias, o desenvolvimento de sua teoria até sua maturidade, as filosóficas e seus principais conceitos com referência bibliográfica.

Por exemplo, apresenta Henri Wallon, suas principais idéias e resume seu texto sobre a prova do espelho, mostrando a origem da elaboração de dois conceitos lacanianos fundamentais, "O Imaginário e o Simbólico". Na prova do espelho, Wallon descreve a psicogênese do corpo próprio e da unidade do eu, onde compara as reações dos animais com as crianças constatando posturas diferentes de acordo com a idade. Uma parte do texto: "Por volta de um ano, um novo passo é possibilitado no agenciamento do simbólico. Wallon instala uma menina vaidosa diante do espelho. Ela admira graciosamente o chapéu florido que traz na cabeça; o reflexo é agora vivenciado como um verdadeiro sistema de referências que permite orientar os gestos em direção às particularidades do corpo. Esse reflexo permanece exterior ao outro sistema de imagens pelo qual a criança identifica seu corpo e seu eu num espaço abstrato. A capacidade de estabelecer distinções no espaço define a função simbólica, e esta inaugura o campo para uma verdadeira aprendizagem da realidade subjetiva e objetiva. Nesse estágio, a criança já não se contenta, como no décimo mês, em estabelecer uma relação entre a imagem refletida e a imagem real. Ela reproduz a experiência do sexto mês num outro registro: em vez de separar radicalmente o reflexo e a pessoa real, reconhece a existência de uma dualidade entre ambos; apercebe-se de que um está subordinado à outra e, desse modo, acede a

uma espécie de compreensão simbólica desse espaço imaginário em que se forjou seu eu. Aos quinze meses, a prova do espelho assume uma nova feição. Solicitada a mostrar sua mãe, a criança a designa primeiramente no espelho, e depois se volta para ela sorrindo. Indica, dessa maneira, que domina a dualidade anteriormente reconhecida. Brinca com sua existência: "Maliciosamente", escreve Wallon, "ela finge atribuir a preponderância à imagem, precisamente porque acaba de reconhecer claramente nesta a irreabilidade e o caráter puramente simbólico".

Todo o desenvolvimento histórico e político da teoria lacaniana é narrado pela autora. A personalidade de Lacan, seu afastamento da Sociedade Francesa de Psicanálise devido à rejeição da IPA a sua atividade de analista didata por não se sujeitar aos critérios desta, depoimentos de seus pacientes, a conseqüente separação da teoria lacaniana e a fundação de sua própria escola, Escola Freudiana de Paris. A expansão de sua teoria, o lacanismo na Igreja Católica, a dissolução de sua escola e a situação atual.

A extensão de sua obra proporciona uma excelente visão destes cem anos. Podemos ver a relação da psicanálise com o movimento comunista dando origem ao Freud-Marxismo. A situação da psicanálise na então chamada União Soviética com o Pavlovismo. A situação da psicanálise na Alemanha sob domínio do III Reich. Os tempos de ocupação nazista na França. A expansão da psicanálise nos Estados Unidos e as correntes teóricas do Culturalismo, a psicossomática de Franz Alexander e a Psicologia do Ego. A questão da Psicologia do Ego como uma teoria que privilegia o ego em detrimento do inconsciente numa versão adaptativa da psicanálise. A Sociedade Britânica e suas correntes Anna-freudiana, Middle Group e Kleiniana são apenas citadas e não discutidas pela autora. A psicanálise nos meados do século na França, as cisões das escolas francesas são detalhadamente descritas, com todas as questões que promoveram as cisões, problemas institucionais e políticos, onde os psicanalistas mais proeminentes são

apresentados, até a situação atual com as escolas existentes. O estruturalismo, a psicanálise na universidade, na literatura e na filosofia atualmente, o anti-humanismo teórico de Louis Althusser e a desconstrução de Jacques Derrida.

Enfim, a leitura desta obra de Elisabeth Roudinesco é uma grande aventura com muitas curiosidades, vou citar apenas uma que encontrei. Trata-se da existência de um livro que eu desconhecia: "The Wolfman By the Wolfman" (O Homem dos Lobos pelo Homem dos Lobos) sob a responsabilidade de Muriel Gardiner, que narra o itinerário psicanalítico de Sergei Constantivovitch Pankerjeft, o homem dos lobos, inicialmente analisado por Freud e, depois, por Ruth Mack-Brunswick e Muriel Gardiner, o único dos pacientes famosos de Freud a escrever suas memórias e a comentar sua análise à posteriori. Esse é meu convite para você fazer suas descobertas.

III - ARTIGOS

A PALAVRA IN-SENSATA: O ESTRANHO E AS FORMAS LÓGICAS DO CONHECIMENTO AFETIVO.

Eliane Fonseca

Convidada pelo grupo Formação em Psicanálise, apresento-lhes, hoje, um recorte do meu trabalho. A PALAVRA IN-SENSATA: POESIA E PSICANÁLISE. Trata-se de minha dissertação de mestrado, defendida no dia 11 de junho, deste ano. Este trabalho é uma síntese de um momento de minha formação e, como a formação não é isolada da vida, é uma das sínteses de um momento de vida. Momento em que pensei em quais seriam as semelhanças e as diferenças que podem ser encontradas entre as duas práticas que exerço: a escrita literária e a escuta analítica. Ambas são formas não discursivas, organizando-se, portanto, nos